ATRIBUIÇÕES DOS VERBOS *DEIXAR* E *LARGAR* COMO V1 NO PADRÃO [V1+(PREP.)+V2$_{\text{FORMA NOMINAL}}$]

Giovanna Cristina Rodrigues Alves Rafael (UFMG)

Palavras-chave: Deixar, Largar, Princípio da não-sinonímia, Princípio da motivação maximizada, construção de verbo auxiliar.

Resumo:
O presente estudo aborda uma investigação comparativa entre os verbos LARGAR e DEIXAR, muito próximos em sua etimologia, quando figuram como o primeiro verbo do padrão V1+(prep.)+V2$_{\text{FORMA NOMINAL}}$, combinação que corresponde, além de um encadeamento comum entre elementos da língua portuguesa, à construção de verbo auxiliar, forma mais esquemática que se presta a marcar categorias verbais, como tempo, modo e aspecto. Como objetivo principal, teve-se a intenção de apresentar as configurações aspectuais dessa construção, já que foi verificado, em uma pesquisa em andamento, que há, também, usos não aspectuais que podem ofuscar a classificação dessas construções. Esse objetivo foi sustentado com base em algumas divergências encontradas sobre classificações de aspecto de fases (TRAVAGLIA, 2016[1985]; PEREIRA, 2016; PREZOTTO JÚNIOR, 2020), especialmente do aspecto terminativo. Para conseguir se delimitar essa classificação aspectual, utilizou-se, como base teórica, a chamada Gramática de Construções, mais especificamente os princípios da *não-sinonímia* e da *motivação maximizada* de Goldberg (1995). Com base nesses preceitos, verificou-se, por meio de consulta ao *Corpus do Português Web/Dialects*, que LARGAR e DEIXAR, mesmo sendo verbos plenos lexicalmente muito próximos, quando em usos mais abstratos, adquirem nuanças acentuadamente diferenciadas quanto à marcação de categorias gramaticais. Constatou-se, por exemplo, que DEIXAR, em termos quantitativos absolutos, destaca-se com diferença contundente em relação ao seu verbo correlato. Além disso, os usos de cada padrão apresentaram, entre outras diferenças, divergências no modo verbal por meio do qual o V1 se apresenta (LARGAR DE V2, por exemplo, se apresenta, basicamente, no modo imperativo, enquanto DEIXAR DE V2 possui usos subjuntivos e indicativos com muito mais profusão) e, até mesmo, na função pragmática do enunciado (com LARGAR DE, o uso é modal deôntico orientado para o agente, enquanto DEIXAR DE mostra usos hipotéticos e voltados à mudança de estado). Além da mediação pela preposição DE, que foi a mais produtiva, houve também a ocorrência com outras preposições (A, POR e PARA), tendo, cada uma delas, funções específicas. LARGAR A e DEIXAR A, por exemplo, transmitem ideias completamente diferentes: enquanto a última apresenta uma modalidade orientada para o evento por meio de um único V2 ("esse bolo não ***deixa a desejar*** quando o assunto é praticidade"), a primeira marca aspecto inceptivo com ênfase no prolongamento do evento ("a pequena Chacóia ***largava a correr*** para ir chamar o médico"). Além disso, ocorrências com as preposições PARA e POR não correspondem, de fato, à construção de verbo auxiliar, se forem consideradas as características típicas desse tipo de construção, como, por exemplo, a inseparabilidade entre o V1 e o V2 e a incapacidade de passivização do V1 (HEINE, 1993). Entretanto, dada a grande proximidade entre DEIXAR e LARGAR em sua origem ("afrouxar", "relaxar", segundo Corominas (1984)), há usos semelhantes desses verbos no padrão investigado, devido às relações de herança que existem entre os itens e a construção e, também, entre os próprios verbos. Um exemplo é o uso modal orientado para o agente apresentado por DEIXAR DE ("Acorda CARLINHOS!! ***Deixa de ser*** burro!"), semelhantemente a LARGAR DE ("Marcos, ***larga de ser*** mentiroso, seu safado!"). A noção de obrigação está presente em usos de palavras cognatas (regras "frouxas", "relaxamento" das normas...). Portanto, o objetivo de se classificar o padrão construcional com LARGAR e DEIXAR dentro da categoria de aspecto foi concluído com apenas duas construções: LARGAR A, marcadora de aspecto de fase inicial com ênfase

no prolongamento da ação, e DEIXAR DE, marcadora de aspecto de fase final, quando acompanhada de itens delimitadores, como advérbios – indo ao encontro, pois, de Travaglia (2016[1985]).

Referências:

Corominas, Joan. 1984. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispânico.* 1ª reimpressão. Madrid: Editorial Gredos.

Goldberg, Adele. 1995. *Constructions:* a construction grammar approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press.

Heine, Bernd. 1993. *Auxiliaries:* cognitive forces and grammaticalization. Nova Iorque: Oxford University Press.

Pereira, Bruna Cupello Araripe. 2016. *A expressão do aspecto de fases no Português:* um novo olhar centrado em construções perifrásticas. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. http://posvernaculas.letras.ufrj.br/images/Posvernaculas/3-mestrado/dissertacoes/2016/2-PereiraBCA.pdf

Prezotto Júnior, José Roberto. 2020. *As microconstruções auxiliares com "deixar" e "parar" no português na expressão de aspecto final.* Dissertação de Mestrado, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/191820/prezotto%20junior_jr_me_sjrp.pdf?sequence=3&isAllowed=y

Travaglia, Luiz Carlos. 2016[1985]. *O aspecto verbal no português:* a categoria e sua expressão. 5ª ed. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia.

ALTERNÂNCIA PARTE-TODO COM VERBOS TRANSITIVOS NO PB: UM CASO DE FATORAÇÃO DE ARGUMENTO

Letícia Lucinda Meirelles (UFMG)

Palavras-chave: alternância verbal, fatoração de argumento, propriedades semânticas, restrições pragmáticas

No português brasileiro (PB) há uma série de verbos transitivos, cujo argumento que ocupa a posição de objeto, pode ser expresso de duas maneiras distintas: em um único constituinte complexo (sentenças em (a)), o que chamamos de forma não fatorada, e em dois constituintes distintos (sentenças em (b)), o que chamamos de forma fatorada:

(1) a. O cachorro mordeu a perna da menina.

b. O cachorro mordeu a menina na perna.

(2) a. A queda rachou a beirada do espelho.

b. A queda rachou o espelho na beirada.

(3) a. A passadeira passou apenas as mangas da camisa.

b. A passadeira passou a camisa apenas nas mangas.

No inglês, esse tipo de alternância ocorre com verbos que denotam contato físico e que possuem um argumento que expressa a relação entre um ser animado e parte do seu corpo (Fillmore 1970; Pinker 1989; Levin 1993). No PB, embora os verbos que realizam essa alternância também denotem contato físico, o seu argumento passível de ser fatorado pode expressar uma relação parte-todo mais genérica, não sendo restrita a uma relação entre indivíduo e parte do corpo, como mostramos em (2) e (3). Assim, chamamos essa alternância de "alternância parte-todo com verbos transitivos" e propomos que ela consiste na fatoração do argumento complexo verbal, que ocupa a posição de objeto, em duas posições sintáticas distintas: na posição sintática de origem e na posição de adjunto verbal. Nossa proposta baseia-se em trabalhos como os de Baker (2001) e Cançado (2009), que mostram que argumentos verbais podem ocupar a posição sintática de adjunto.

Ainda é importante ressaltar que, na forma fatorada das sentenças, há uma relação anafórica necessária entre os elementos que foram desmembrados. Essa relação é um tipo de anáfora indireta, chamada de "anáfora associativa por meronímia" (Haag e Othero 2003).

Além das restrições semânticas de nível nominal, a ocorrência da alternância que estamos analisando é delimitada por restrições de nível verbal, que explicitamos através da proposta de papéis temáticos enquanto propriedades semânticas discretas de Cançado (2005) e Cançado e Amaral (2016). Essa proposta não utiliza rótulos, como Agente e Paciente, para definir os papéis temáticos, uma vez que esses são grupos de propriedades semânticas acarretadas pelo item predicador aos seus argumentos. As autoras propõem a existência de propriedades como: *desencadeador*, *afetado*, *estativo*, *possuidor*, *condição mental* e *objeto de referência*.

Em nossa pesquisa, constatamos que 145 verbos de diferentes tipos realizam a alternância em questão, de modo que o que os agrupa em uma classe verbal genérica, no nível *coarse-grained* (Levin 2010; Cançado e Amaral 2016) é o fato de eles atribuírem as propriedades *afetado* e *local de contato* para o argumento complexo que ocupa a posição de objeto. A propriedade *local de contato* foi proposta neste trabalho e é atribuída ao argumento verbal que ocupa a posição de objeto e que é afetado através de algum tipo de contato físico, mediado ou não, com o argumento que ocupa a posição de sujeito.

Além das restrições semânticas, essa alternância ainda apresenta uma restrição de nível pragmático que diz respeito ao fato de ela não ocorrer com verbos que denotam ações realizadas em partes prototípicas de seus argumentos complexos, como em **a mãe penteou a filha no cabelo* e **o bandido cegou a vítima no olho*.

Por fim, propomos que a ocorrência desse fenômeno sintático-semântico é motivada por fatores pragmáticos, relacionados à estrutura informacional das sentenças (Gundel e Frethem 2004), uma vez que a forma fatorada parece existir para focalizar o constituinte extraído do argumento complexo.

Referências

Baker, M. 2001. *On the differences among the lexical categories*. New Jersey: Rutgers University.

Cançado, M. 2005. Propriedades semânticas e posições argumentais. *DELTA*, v. 21, n. 1: 23-56.

Cançado, M. 2009. Argumentos: complementos e adjuntos. *ALFA*, v. 53, n. 1: 35-59.

Cançado, M. and L. Amaral. 2016. *Introdução à Semântuca Lexical*: *Papéis Temáticos, aspecto lexial e decomposição de predicados*. Editora Vozes, Petrópolis, RJ.

Fillmore C. 2003 [1970]. "The grammar of hitting and breaking". In *Form and meaning in language*: *papers on semantics roles*. edity by C. Fillmore, 123-139. Stanford: CSLI Publications.

Gundel, J. and T. Frethem. 2004. "Topic and Focus". In *Handbook of Pragmatics*. Edity by L. Horn and G. Ward, 175- 196. Oxford: Blackwell.

Haag, C. R. and G. A. Othero OTHERO. 2003. Anáforas associativas nas análises das descrições definidas. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. v. 1, n. 1.

Levin, B. 1993. *English Verb Classes and Alternations*: *A Preliminary Investigation*. Chicago: University of Chicago Press.

Levin, B. 2010. *What is the best grain- size for defining verb classes?* Conference on Word Classes: nature, Typology, Computational Representations, Second TRiPLE international Conference, Università Roma Tre, Rome, March 24–26.

Pinker, S. 1989. *Learnability and Cognition*: *The acquisition of argument structure*. Cambridge: MIT Press.

LA EXPRESIÓN DEL FUTURO EN LAS VARIEDADES ORAL Y ESCRITA DEL ESPAÑOL DE URUGUAY

Cecilia Bértola y Marcelo Taibo (Instituto de Lingüística, FHCE, UdelaR)

Palabras claves: referencia futura, lengua oral, lengua escrita

Esta ponencia tiene como propósito presentar los resultados preliminares de nuestra investigación sobre los valores del futuro morfológico y la referencia a eventos venideros en el español del Uruguay en el marco del proyecto VARSEM (*Variación y semántica de los tiempos verbales*, CSIC, UdelaR).

Numerosas investigaciones han puesto de relieve las complejidades que presentan el tiempo verbal futuro y la referencia a sucesos venideros en muchas lenguas (Copley 2009; Escandell Vidal 2014; de Brabanter et al. 2014; Falaus y Laca 2014; Laca 2017). Como es sabido, en español no puede establecerse una relación biunívoca entre futuro morfológico y referencia prospectiva. Por un lado, la relación de posterioridad respecto del momento de la enunciación se puede expresar con otras formas (como el presente prospectivo o el futuro perifrástico). Por otro, junto con este retroceso en sus usos temporales, se constata una especialización del futuro morfológico en la expresión de valores epistémicos/evidenciales. Si bien esta regresión del valor temporal del futuro morfológico en favor del valor evidencial es un fenómeno panhispánico (Aaron 2010), nos proponemos mostrar que está particularmente avanzado en el español coloquial del Uruguay, variedad en la que esta forma se asocia fuertemente a valores de incertidumbre, como se ilustra en (1a y b):

(1) a. Y tampoco tengo plata ahorrada así que **tendré** que garronear por ahí (PRESEEA).
b. Así que en este momento **estará** trabajando (PRESEEA).

La metodología aplicada es el análisis de corpus. Contrastamos un corpus que refleja la variedad estándar, constituido por noticias de prensa escrita (CorpusE), con un corpus oral constituido por entrevistas de PRESEEA (CorpusI). Nuestra hipótesis de partida es que en la variedad coloquial del Uruguay el futuro morfológico introduce un operador epistémico/evidencial y no determina por sí mismo una orientación temporal prospectiva. A partir de esta hipótesis predecimos que la frecuencia del futuro morfológico para la aseveración de sucesos venideros será mayor en el corpus escrito que en el oral y que, debido a la pérdida de los usos temporales del futuro morfológico en la lengua coloquial, en el corpus oral habrá mayor aparición del futuro perifrástico para referir a situaciones venideras. Para comprobar estas predicciones, se extrajeron todos los futuros morfológicos y perifrásticos de ambos corpus y se procedió a su etiquetado funcional y semántico.

El análisis de corpus confirma las predicciones. Por un lado, la frecuencia de aparición del futuro morfológico es mucho mayor en el corpus escrito que en el oral (ver tabla 1). Por otro, hay una notoria divergencia entre los tipos de lecturas que recibe esta forma según el corpus: en el corpus escrito, el porcentaje de lecturas de conjetura alcanza apenas un 4%, mientras que ascienden a 91% en el oral. La distribución de las lecturas temporales es inversa: mientras que en el corpus escrito el futuro morfológico determina una orientación temporal futura en un 96% de los casos, en el corpus oral solo lo hace en un 9%. Por otra parte, hay una marcada preferencia en el corpus oral por el futuro perifrástico y por el futuro morfológico en el corpus escrito (ver tabla 2). Esta preferencia se acentúa aún más si se tiene en cuenta que 114 de las 146 ocurrencias de la perífrasis «*ir a* + infinitivo» aparecen en secuencias de discurso directo.

Los resultados confirman la notoria reducción de los usos temporales del futuro morfológico en el español coloquial del Uruguay en favor de valores evidenciales, fenómeno que puede ponerse en paralelo con procesos de cambio bien descritos para otras lenguas romances (Malvar y Poplack 2007, 2008, Squartini 2001, 2004, 2008, entre otros). Los datos permiten postular la coexistencia de dos

gramáticas para expresar la referencia a situaciones venideras en esta variedad: una propia de la lengua coloquial informal, y otra de la lengua formal o estándar.

Referencias:

Aaron, J. E. 2010. "Pushing the envelope: Looking beyond the variable context". *Language Variation and Change,* 22: 1-36.

Aaron, J. E. 2014. "A certain future: epistemicity, prediction, and assertion in Iberian Spanish future expression". *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics,* 7:2: 215-240.

Copley, B. 2009. *The Semantics of the Future.* Nueva York: Routledge Outstanding Dissertations in Linguistics.

de Brabanter, Ph., Kissine, M. y Sharifzadeh, S. (eds.). 2014. *Future Times, Future Tenses.* Oxford: Oxford University Press.

Escandell Vidal, M.V. 2014. "Evidential futures: the case of Spanish". In *Future Times and Future Tenses,* editado por Ph. de Brabanter, M. Kissine y S. Sharifzadesh, 219-248. Oxford: Oxford University Press.

Falaus, A. y Laca, B. 2014. "Les formes de l'incertitude. Le futur de conjecture en espagnol et le présomptif futur en roumain". *Revue de Linguistique Romane,* 78: 313-366.

Laca, B. 2017. "Variación y semántica de los tiempos verbales: el caso del futuro". In *Investigaciones actuales en lingüística. Vo. II: Semántica, Lexicología y Morfología,* editado por B. Almeida Cabrejas, A. Blanco Canales, J. García Sánchez y M.ª D. Jiménez Lópezet, 159-192. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, Servicio de Publicaciones.

Poplack, S. y Malvar, E. 2007. "Elucidating the transition period in linguistic change: The expression of the future in Brazilian Portuguese". *Probus,* 19: 121-169.

Poplack, S. y Malvar, E. 2008. "O presente e o passado do futuro no Português do Brasil". In *Anthony Julius Naro e a Lingüística no Brasil: Uma homenágem académica,* editado por Votre, S. y Roncarati, C., 186-206. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro Press.

Squartini, M. 2001. "The internal structure of evidentiality in Romance". *Studies in Language*, 25(2): 297–334.

Squartini, M. 2004. "Disentangling evidentiality and epistemic modality in Romance". *Lingua*, 114: 873–95.

Squartini, M. 2008. "Lexical vs. grammatical evidentiality in French and Italian". *Linguistics,* 46: 5.

Tablas:

Corpus	Total de palabras	Futuros morfológicos	Frecuencia normalizada por 10 000	Lectura temporal	Lectura conjetura
Corpus I	150 000	88	5,9	8 (9 %)	80 (91 %)
Corpus E	150 000	873	58,2	837 (96 %)	31 (4 %)

Tabla 1. Frecuencia de futuros morfológicos y distribución según sus lecturas

Corpus	Futuros morfológicos		Perífrasis «*ir a* + infinitivo»		Total
	Casos	%	Casos	%	
Corpus I	35	9,4	336	90,6	371
Corpus E	857	85,4	146	14,6	1003
Total	892	64,9	482	35,1	1374

Tabla 2. Distribución de futuros morfológicos y perifrásticos con orientación temporal prospectiva